

A situação toda fica profundamente agravada com os dados a respeito da população jovem que vem decrescendo em quantidade, mas que vem aumentando em incidir pobreza e carência.

Os programas de preparação para a aposentadoria têm sido vistos como uma prática elitista, tanto quanto têm sido vistos elitistas os programas de atendimento dos fundos de pensão. Penso que as fundações terão que ter soluções bastante criativas para atender a esse tipo de população.

É difícil que os líderes, à medida que se acheguem aos 60 anos de idade, no seu mais alto posto de comando, simpatizem em especial com a questão da aposentadoria. Ela os ameaça. A maioria "torce o nariz" quando levamos uma proposta para ser analisada e implantada. A não ser que haja um motivo forte — como narcisismo ou vontade de fazer algo pelo social —, caso contrário, nada se faz.

No entanto, existem aqueles que, ocupando um cargo de direção, começam a se sensibilizar dois ou três anos antes, ou logo após a sua aposentadoria. Neste caso, eles saem das patrocinadoras e vão para as fundações, e aí se sentem livres para realizar um trabalho de cunho social. É um modo de continuar participando e oferecendo os seus conhecimentos para a população de assistidos. Ele cria uma função de caráter social e de valor óbvio, e desse modo consegue continuar participando.

Um outro modo de convencimento ocorre quando acontece alguma tragédia com algum ente querido relacionada à ruptura súb-

ta que ele sofre quando da sua aposentadoria.

Até hoje, em anos de trabalho, não vi nenhum outro motivo que sensibilizasse pessoas a levarem esse tipo de programa na prática para as suas empresas.

Quando se é um bom líder, quando se tem uma posição de comando, muitas vezes as coisas ficam tão difíceis que o líder reza para que Deus dê uma mudadinha em algum dos 10 mandamentos.

Por essa ocasião da vida ele começa a sentir alguns efeitos do próprio envelhecimento, e jura que não são os olhos fracos, mas os braços que não são longos demais para lhe possibilitar a leitura. Claro que esse homem, como um bom homem, continua passando suas noites acordado, só que agora não mais nas farras, mas sim preocupado. Preocupações com problemas da atualidade, mas não só com esses problemas. Quando vai às reuniões e encontra colegas de faculdade já formados percebe que estão todos praticamente na meia idade e não são muito diferentes dele. Esse homem, que possivelmente viveu tão afastado da família, que não tinha paciência com crianças, mulheres e velhos, hoje se descobre aos domingos à tarde curtindo um carteadado, embora o seu lazer predileto seja dormir em frente ao aparelho de televisão com o controle remoto na mão.

O lazer se torna cada vez mais trabalhoso e o trabalho cada vez mais um prazer. E esse homem que pode fazer alguma coisa está muito próximo ou até ultrapassou aquelas pessoas que ele mais admirou na vida.

Esse líder, muito provavelmente, estará também sendo assediado com planos de saú-

de e pré-aposentadoria. Ele é uma pessoa muito reconhecida na empresa, apresentado como o mais antigo dos funcionários. Está integrado. Nos momentos de lazer ele é convidado a ser sempre o juiz de futebol. E as pessoas gostam de ouvi-lo, especialmente as histórias de guerra, e os colegas perguntando: mas, qual delas?

Claro que, com tudo isso, ele sofre muito de dores de cabeça, às vezes indisposições, e esse líder tem que ter, no mínimo, uma gaveta cheia de remédios ao seu dispor. Detalhe: ele é tão ocupado que não sabe se está ficando esclerosado ou se é uma questão de acúmulo de trabalho. O fato é que ele escreve o que tem que fazer no dia seguinte em papezinhos, para não esquecer.

Procura eficiência e qualidade, e o que ele mais exige hoje em dia de uma secretária são exatamente eficiência, qualidade e produtividade, é um homem muito provavelmente tradicional, bem casado, que de repente olha do lado e descobre que está casado com uma avó. E o seu filho não brinca mais de médico — o seu filho é médico. E junto com o filho vem os filhos de seus filhos, e ele pode se tornar um chato, se resolver receber as suas visitas mostrando as fotos dos queridos netinhos. Dizem que nessa idade se encontram os novos prazeres na vida: o de receber os netos e o de devolvê-los.

E com isso se vai vivendo: com aquela mesma mulher chata, com suas preocupações, seus pesares, problemas de saúde, ataques ao ego. De vez em quando ele ainda dança um pouco com a esposa em casa, só que as músicas que ele gosta, já não são tocadas no rádio, há mais de 30 anos. E é claro que alguns problemas conjugais jamais foram solucionados, como por exemplo, o problema da velocidade.

De noite, esse casal, bem casado, divide irmanamente a cama. Dizem que, com o passar do tempo, dividem tão irmanamente que fazer sexo com o próprio cônjuge tem maior sabor, sabor de incesto. Embora o casamento continue dando certo, esse homem, líder, que pode decidir alguma coisa pela aposentadoria, não deixa de reparar em atributos maravilhosos de qualquer mocinha. Adora supermercado. E leva a noite toda para fazer o que antes fazia todas as noites.

Tanto quanto para os seus pré ou pós-aposentados, esse homem também precisa ser esclarecido para discernir entre um orgasmo e um ataque cardíaco. E de qualquer modo, em qualquer parte, inevitavelmente, todos nós haveremos de nos encontrar conosco mesmo, na nossa solidão existencial. Depende de nós que esta seja a nossa melhor hora ou o nosso momento pior.

Nesse nosso país não temos um sistema de seguridade que permita alguma vida condigna para nenhum cidadão, quanto mais para aqueles que envelhecem. O nosso povo não pode parar de trabalhar e, tal como os jovens, o aposentado deságua numa situação de trabalho, sem amparo, ou seja, na economia informal, fazendo "bico", mas não

pára de trabalhar. Quando pára, pára por cansaço, por questões de saúde, por desespero, e pára na ilusão de que, voltando para casa, vai encontrar tudo lá. Quando percebe que o tempo passou, e ele não viveu a família e nem a própria vida, a não ser como provedor, esse homem cai, mais o homem do que a mulher, naquilo que se chama desespero da inutilidade, ou seja, nada a fazer, nada com que sonhar, e talvez ninguém para amar.

Propomos uma prática de ressocialização de adultos, que é uma prática bastante ousada. Se socializar crianças já é difícil, e as nossas escolas não dão conta, e não é atribuição da empresa educar ou reeducar os seus cidadãos, nós ficamos sem solução. O fato é que, sem uma nova socialização de adultos, o nosso destino será cada vez mais miséria e pobreza, se não material, existencial.

Não temos nenhuma bandeira, nenhum aleijão, nenhuma doença específica para dar um nome, para comover as pessoas, mas também para dizer: "puxa, eu cansei disso". Achamos que as questões da velhice não são conosco, porque realmente não temos uma mentalidade voltada para ficarmos velhos. Na nossa cabeça está inscrito que velhice corresponde à doença. E às dores dos velhos respondemos com remédios, cama, silêncio e ridicularização. Temos que considerar que se nos propusermos a fazer uma ressocialização de idosos via empresa, com estimulação e participação dos fundos, estaremos criando uma nova geração de pessoas, que reivindicam, que incomoda, que não se cala, que não grita pelas dores do corpo. Velhos saudáveis são participativos, são reivindicativos e incômodos, muito mais do que velhos doentes. Nas bulas de remédio está escrito: mantenha fora do alcance das crianças. Em relação à população da terceira idade, parece que está subentendido: ponha-os ao alcance dos velhos. A nossa resposta para os velhos tem sido ou dar de ombros, ou achar que velho é assim mesmo, que não se tem nada para fazer e que as dores, as rabugices são coisas da idade.

Se pretendermos ter uma população longeva, a nível de países avançados, em especial no Cone Sul do país, podemos pretender uma maior longevidade, chegamos a ultrapassar a casa dos 75 anos de expectativa média de vida. Se, do ponto de vista de trabalho, começamos a envelhecer aos 40 ou 45 anos, com aposentadorias especiais, se envelhece muito mais cedo, se entra naquilo que se conhece por terceira idade profissional. Temos que entender, portanto, que levamos duas gerações para envelhecer. Isto é uma grave questão social. Pois se começamos a envelhecer aos 40 anos, e temos a grande probabilidade de morreremos de morte natural aos 80 anos, temos que procurar algo com que fazer com o restante dos nossos 40 anos: "incomodar".

Temos uma ideologia que diz que a infância é idade de estudar e de brincar: que a

idade adulta é idade de produzir, trabalhar; e que a idade da velhice é a idade de saborear e usufruir. Esta é a ideologia, mas não é bem o que observo na prática. Crianças trabalham, só que seus trabalhos não são chamados trabalhos, são chamados de ajuda, e, como foi visto, não é remunerado. Mulheres trabalham para atestar a incompetência do homem que ganha pouco, ou seja, ela ganha menos ainda do quanto ele não pode ganhar, e já se dá por feliz. E pessoas de mais idade que querem trabalhar incomodam, porque não há espaço no nosso sistema de produção para todas as gerações. O próprio sistema pressupõe um monte de gente desativada, tais como: pessoas doentes; mulheres que passam mal devido à gravidez, ou que estão na fase do pós-parto; pessoas que sofreram acidentes do trabalho, que estão doentes temporariamente ou para o resto da vida. Se formos somar o contingente de aposentados com pessoas que estão verdadeiramente desativadas, e portanto, não estão contribuindo para o sistema produtivo, seguramente aquele índice de 15% pode até dobrar. Pessoas que fazem parte do sistema, mas que não produzem.

Mas são os idosos que são considerados como o bode expiatório da sociedade, aqueles que pesam nos ombros dos que estão na ativa. O fato é que, se tivermos uma velhice saudável, reivindicativa, o nosso poder adulto ficará ameaçado. Mas isso será problema dos nossos filhos. Nós seremos velhos.

Existe um autor que nos incita à coragem mediante tudo isso. Ele nos fala de quatro tipos de coragem:

1. *Coragem física* — é a coragem dos desbravadores, é a coragem de morar e habitar grandes distâncias. É a coragem de enfrentar

o mundo, de se lançar. E, no nosso tempo, estamos precisando de mais uma modalidade de coragem física, que é recuperar a beleza do nosso corpo, um corpo livre, e termos a audácia de aprendermos a abraçar pessoas que estão com AIDS. É preciso muita coragem.

2. *Coragem moral* — é aquela que corrige o que está errado, que nos dá drama de consciência. Que não nos permite dormir quando temos um cargo que requer responsabilidade.

3. *Coragem social* — é a coragem de nos relacionarmos, de nos amarmos, homens e mulheres, e mesmo aos nossos pais, transcendendo questões de desejo sexual, para nos vermos verdadeiramente na nossa fraternidade. É a coragem de nos envolvermos verdadeiramente com pessoas. E ao homem, à mulher de hoje, que trabalha, é ensinado ter medo das pessoas e não se envolver. Daí que convidá-los a participar de novos programas de ressocialização implica vencer o medo que temos uns dos outros.

O máximo que se tem num ambiente de trabalho é um tapinha nas costas, e muito do que se consegue com o programa de preparação para aposentadoria são palavras que, na boca de um aposentado, dizem o seguinte: eu quase não entendi, mas gostei de tudo, e ao menos eu saio daqui levando embora o reconhecimento das minhas chefias e tendo podido falar um monte de coisas que estavam engasgadas e que eu não tive oportunidade de falar.

4. *Coragem de criar* — é a esse tipo de coragem, é a esse ato de vontade de criar que o Centro os convida a participar, por tudo o que foi exposto aqui e simplesmente porque queremos.